

O Estudante de Humanidades

Hermann Hesse

DO MEIO das velhas construções muito juntas e das estreitas ruelas da antiga e pequena cidade destacava-se um casarão imenso, com suas numerosas janelas e sua escadaria de degraus já gastos pelo tempo e as botas de várias gerações. Tinha um ar simultaneamente digno e medíocre — e era exatamente isso o que também sentia, a seu próprio respeito, o jovem Karl Bauer, que todas as manhãs e todas as tardes entrava nesse casarão, com a sacola de livros. Aí encontrava ele os prazeres do claro e puro Latim e dos poetas clássicos alemães; aí se debatia com as complexidades do Grego e sofria as humilhantes derrotas da Álgebra, de que no terceiro ano gostava tão pouco quanto no primeiro; além disso, era sempre com deleite que escutava alguns dos velhos e simpáticos professores, de barbas grisalhas, ao passo que sofria, não poucas vezes, nas mãos dos professores mais jovens e impacientes.

Não muito longe do prédio do colégio estava localizada uma antiga mercearia, onde continuamente se via entrar e sair gente que subia e descia os encardidos e úmidos degraus da porta sempre aberta e se espalhava no escuro corredor do armazém, que cheirava a álcool, sebo, petróleo e queijo. Por aí tinha Karl de passar diariamente, pois seu quarto ficava na mansarda dessa casa; como pensionista da mãe do merceiro, obtivera cama, mesa e roupa lavada a dois passos do colégio.

Assim como era escura e feia a loja, tudo era luminoso e agradável lá em cima; no quarto de Karl brilhava o sol o tempo todo em que permanecesse no céu, e, da janela, avistava-se mais de metade da cidade, cujos telhados ele conhecia como as palmas das mãos e seria capaz de mencionar um por um.

Das muitas coisas boas que com abundância havia na loja, raras eram as que subiam pela íngreme escada ou, pelo menos, nunca chegavam ao prato de Karl Bauer; a mesa da velha Sra. Kusterer não era o que se pudesse chamar farta e o moço nunca conseguiu se levantar satisfeito da mesa. Apesar disso, Karl e a patroa conviviam amigavelmente e o quarto dele pertencia-lhe tanto como a um nobre príncipe o seu castelo. Ninguém o incomodava lá em cima e podia fazer tudo o que quisesse — e Karl fazia muita coisa. Além dos dois abelheiros, de vistosas plumagens, que ele tinha numa gaiola, Karl instalara uma oficina de marceneiro e um forno em que fundia chumbo e estanho; no verão, juntava num caixote, com a abertura vedada com tela de arame, cobras cegas, lagartixas, cobreiros, osgas, que sumiam regularmente, de tempos em tempos, através dos buracos da rede. Karl possuía também um violino e, quando não lia nem trabalhava de marceneiro, que era seu passatempo favorito, então tocava violino a qualquer hora do dia ou da noite.

Assim organizara o jovem estudante seus prazeres domésticos e era difícil que tivesse algum dia aborrecido. Além do mais, não lhe faltavam livros, que ele tomava de empréstimo onde quer que visse algum de interesse. Lia sobre os mais variados assuntos, mas, naturalmente, tinha mais inclinação por uns do que por outros; seus temas prediletos eram as lendas e sagas antigas e os dramas históricos em verso.

Tudo isso, tão nutritivo para o espírito, não era capaz de saciar, porém, a eterna fome de Karl. Por isso, quando ela apertava, descia furtivamente, silencioso e lépido como um jaguapé, os escuros e decrepitos degraus até ao armazém, onde se derramava uma pálida réstia de luz. Não era raro encontrar, sobre os caixotes, um naco de bom queijo, ou uma barrica de arenques cheia até a metade, ou um par de lingüiças. Nos dias bons, ou quando Karl, sob o pretexto de dar uma ajuda, entrava decididamente na loja, chegavam aos seus bolsos mãos cheias de ameixas secas, pedaços de pêra cristalizada e guloseimas semelhantes. Essas incursões, porém, não as fazia por cupidez gulosa nem com a consciência pesada, mas, em boa parte, com a inocência do faminto e, também em parte, com os sentimentos do bom ladrão, que não sabe o que é ter medo da gente e enfrenta o perigo com o secreto orgulho e a fria generosidade de um Robin Hood. Só que o beneficiário dessas incursões justiceiras era ele próprio. Parecia a Karl estar perfeitamente de acordo com as decentes leis da ordem universal que o que a velha patroa avara-mente lhe subtraía às refeições fosse retirado da superabundante câmara de tesouros do filho dela.

Esses hábitos, ocupações e passatempos deviam, ao lado da escola toda-poderosa, bastar, de fato, para encher as horas e os pensamentos do jovem Karl. Entretanto, ele estava muito longe de se considerar satisfeito. Em parte para enciumar e irritar os colegas, em parte como fruto de suas leituras estéticas e ainda em parte porque, nessa época, sentindo pela primeira vez os inebriantes anseios de um coração adolescente, decidiu pisar os sedutores mas ardilosos terrenos das paixões amorosas. E, como já sabia de antemão que, sem esforço concreto e iniciativa, não teria grandes probabilidades de atingir sua meta, abandonou qualquer pretensão de modéstia e dedicou logo suas atenções à mais bela moça da cidade, filha de uma abastada família e que, só pela elegância e finura do trajar, deslumbrava até as demais donzelas de sua idade. Resolvido a cortejá-la, nosso estudante passeava diariamente diante da casa dela e quando a encontrava à janela ou se cruzavam na rua, Karl tirava o chapéu numa vênica tão profunda e respeitosa como nunca fizera ao reitor.

Assim corriam as coisas quando, por mera casualidade, um acontecimento fortuito veio dar novas cores à existência de Karl e abriu um novo portão para sua vida.

Uma noite, no fim do outono, Karl, insatisfeito com a xícara rala de café com leite que lhe coubera como jantar, foi impelido pela fome para mais uma de suas incursões. Deslizou silenciosamente pela escada e passou em revista o armazém. Depois de uma exploração meticulosa, viu um prato de barro com uma grossa fatia de queijo holandês, em sua casca vermelha, um pão escuro cortado ao meio e duas peras-d'água, de tamanho e cor muito sugestivos.

O faminto poderia, com um pequeno esforço, ter adivinhado que essa merenda se destinava ao patrão e ali fora deixada, por instantes, pela criada, chamada a executar alguma tarefa urgente. Mas, no fascínio da inesperada visão, Karl preferiu aceitar a idéia de que com a inocência do faminto e, também em parte, com os sentimentos do bom ladrão, que não sabe o que é ter medo da gente e enfrenta o perigo com o secreto orgulho e a fria generosidade de um Robin Hood. Só que o beneficiário dessas incursões justiceiras era ele próprio. Parecia a Karl estar perfeitamente de acordo com as decentes leis da ordem universal que o que a velha patroa avaramente lhe subtraía às refeições fosse retirado da superabundante câmara de tesouros do filho dela.

Esses hábitos, ocupações e passatempos deviam, ao lado da escola toda-poderosa, bastar, de fato, para encher as horas e os pensamentos do jovem Karl. Entretanto, ele estava muito longe de se considerar satisfeito. Em parte para enciumar e irritar os colegas, em parte como fruto de suas leituras estéticas e ainda em parte porque, nessa época, sentindo pela primeira vez os inebriantes anseios de um coração adolescente, decidiu pisar os sedutores mas ardilosos terrenos das paixões amorosas. E, como já sabia de antemão que, sem esforço concreto e iniciativa, não teria grandes probabilidades de atingir sua meta, abandonou qualquer pretensão de modéstia e dedicou logo suas atenções à mais bela moça da cidade, filha de uma abastada família e que, só pela elegância e finura do trajar, deslumbrava até as demais donzelas de sua idade. Resolvido a cortejá-la, nosso estudante passeava diariamente diante da casa dela e quando a encontrava à janela ou se cruzavam na rua, Karl tirava o chapéu numa vênia tão profunda e respeitosa como nunca fizera ao reitor.

Assim corriam as coisas quando, por mera casualidade, um acontecimento fortuito veio dar novas cores à existência de Karl e abriu um novo portão para sua vida.

Uma noite, no fim do outono, Karl, insatisfeito com a xícara rala de café com leite que lhe coubera como jantar, foi impelido pela fome

para mais uma de suas incursões. Deslizou silenciosamente pela escada e passou em revista o armazém. Depois de uma exploração meticulosa, viu um prato de barro com uma grossa fatia de queijo holandês, em sua casca vermelha, um pão escuro cortado ao meio e duas peras-d'água, de tamanho e cor muito sugestivos.

O faminto poderia, com um pequeno esforço, ter adivinhado que essa merenda se destinava ao patrão e ali fora deixada, por instantes, pela criada, chamaaa a executar alguma tarefa urgente. Mas, no fascínio da inesperada visão, Karl preferiu aceitar a idéia de que um ser benfazejo e caridoso lhe enviara o maná; e, com sentimentos de gratidão, preparou-se para devorá-lo.

Antes de Karl terminar de comer os últimos pedaços, surgiu à porta do armazém a criada Babett, com suas pantufas silenciosas e uma vela na mão, surpreendendo, com olhos arregalados de espanto, o nefando delito. O jovem gatuno ainda tinha o último pedaço de queijo entre a mão e a boca e ficou paralisado, enquanto sentia que tudo desmoronava à sua volta e ele afundava num abismo de vergonha. Assim permaneceram dois imóveis, por alguns minutos, iluminados pela vela bruxuleante. À vida por certo ofereceria ainda ao audacioso estudante muitos momentos dolorosos mas nenhum, com certeza, mais embaraçoso do que esse.

— Mas que coisa! — conseguiu Babett exclamar, por fim, olhando para o malfeitor, murcho como um condenado à força, — Mas que coisa!
— repetiu Babett.

— Tu não sabes que isso é roubo?

— Sei, sim. Claro que sei.

— Meu Deus do Céu! E mesmo assim o fizeste? Como pudeste?

— Estava por aí, Babett, e pensei que...

— Pensaste o que, rapaz?

— Pois como eu estava com fome...

Quando a criada ouviu essas palavras, abriu a boca e encarou o coitado com uma expressão de infinita surpresa e compaixão.

— Passas fome? Então, lá em cima, não te dão bastante de comer?

— Pouco, Babett, muito pouco. E na minha idade, sabes como é...

— Ah, essa não! Pois está bem. Come o resto do queijo, vá! E as peras, já comeste as peras?

— Ainda não. Estão aqui no bolso para comê-las lá em cima.

– Podes levá-las e comê-las. Na cozinha tem mais de tudo, não te preocupes. Mas agora é melhor que subas depressa, antes que apareça alguém e estrague tudo.

Com estranha sensação na garganta, Karl voltou rapidamente ao seu quarto e comeu pensativamente as peras. Depois, sentiu o coração mais leve, respirou aliviado, espreguiçou-se e foi buscar o violino, executando uma balada de agradecimento a que imprimiu um andamento alegre muito vivo. Mal terminava quando alguém bateu à porta, muito de leve. Karl foi abrir e viu diante da porta a boa Babett, que lhe estendia uma enorme fatia de pão branco, generosamente forrada de manteiga.

Apesar de muito o alegrar aquela visão cheirosa e loura, ele quis recusar, gentilmente, mas Babett não permitiu que o cavalheirismo chegasse a tais extremos.

– Toma, rapaz, e não banquetes agora o virtuoso. Lá embaixo não estavas com essas cerimônias.

Diante de um tão poderoso argumento, Karl aceitou, agradecido.

– Sabes que tocas muito bem o violino? – disse Babett. – Já te ouvi muitas vezes. Quanto à comida, vou me encarregar disso. De noite, poderei sempre trazer alguma coisa, ninguém precisa saber. Ela poderia te alimentar muito melhor, pois sei que teu pai lhe paga uma gorda pensão. Não está certo.

Mais uma vez Karl, timidamente, tentou recusar a ajuda, mas a velha criada não lhe deu ouvidos e ele facilmente se conformou. Por fim, foi estabelecido um acordo: nos dias em que estivesse passando fome, Karl deveria, ao chegar a casa, assoviar na escada a canção *Güldne Abendsonne* (Poente Dourado) e ela lhe traria comida. Se ele nada assoviasse ou fosse qualquer outra cantiga, era porque estava satisfeito. Comovido e grato, Karl colocou sua mão na dela, áspera e grande, e um aperto de mão selou a santa aliança.

Daí em diante, o jovem estudante desfrutou com emoção e deleite dos cuidados e desvelos de um coração feminino como não acontecia desde seus tempos de criança, pois seus pais viviam no campo e muito cedo o haviam colocado numa pensão. Agora revivia esses tempos em casa, pois Babett velava por ele como uma verdadeira mãe, o que, pela sua idade, poderia muito bem ter sido. Ela andava pela casa dos quarenta e era dotada de uma natureza férrea e enérgica; mas a ocasião fez o ladrão e como Babett tinha encontrado, tão inesperadamente, um amigo sensível e agradecido no rapaz, a brandura e desinteressada benevolência despertaram e impuseram-se ao coração inflexível da mulher.

Tais sentimentos favoreciam Karl Bauer, que depressa se habituou aos mimos e, como todos os jovens que, em geral, aceitam as coisas que se lhe oferecem como se fossem uma prerrogativa e legítimo direito, o episódio humilhante do armazém depressa foi esquecido e todas as noites se ouvia a *Güldne Abendsonne* com a maior naturalidade deste mundo.

Apesar de toda a gratidão, talvez a ligação de Karl e Babett não tivesse permanecido tão indestrutivelmente viva se seus benefícios se houvessem limitado apenas às coisas de comer. A mocidade é faminta, mas não é menos apaixonada e as relações com jovens não podem conservar por muito tempo seu calor afetivo na base do queijo e presunto, das frutas e do vinho retirados de um armazém. Outros motivos de interesse tinham de existir para que a volubilidade juvenil não acabassem sobrepujando a dedicação afetiva de Karl pela boa e dedicada Babett.

Ora, a velha Babett não era apenas muito respeitada e indispensável na casa Kusterer, mas também gozava de grande popularidade em toda a vizinhança pela sua imaculada honestidade. Onde ela estivesse presente, tudo se passava de maneira correta e alegre. As vizinhas sabiam disso e gostavam que suas próprias criadas, sobretudo as jovens mais impetuosas, se relacionassem com Babett. A quem esta recomendasse, por gozar de sua amizade mais íntima, era acolhida sem preocupações nas casas de família, pois era opinião geral que Babett vigiava as jovens amigas melhor do que se elas estivessem num pensionato de moças.

Depois das lides diárias e nos domingos à tarde, era raro ver-se Babett sozinha. Estava sempre cercada de uma roda animada de criadinhas mais jovens, para quem ela descobria meios de passar o tempo e, simultaneamente, cumulava de sábios e prudentes conselhos. Organizavam-se jogos, torneios de adivinhação e charadas, cantava-se e quem tivesse noivo ou irmão podia levá-lo. Naturalmente, os noivos apareciam uma vez ou duas, mas logo desertavam, pois não podiam brincar com as moças como queriam na presença de Babett. Aventuras amorosas sem intenções sérias ela não tolerava; se uma de suas protegidas enveredava por esse caminho e não escutava suas sérias advertências, era prontamente excluída do círculo e riscada da lista de recomendações.

Nesse animado grupo foi aceito o estudante de latim e talvez tenha aprendido mais aí do que no colégio. Jamais esqueceria a noite em que teve lugar seu ingresso. Foi no pátio do fundo da casa. As moças estavam sentadas nos degraus e em caixotes vazios; começara a escurecer e, por cima do pátio, via-se um retângulo de céu azul-escuro, donde se desprendia ainda uma claridade suave. Babett sentara-se diante do

portão, sobre um pequeno barril, e Karl mantinha-se, timidamente, ao lado dela, encostado a um dos batentes do portão; nada dizia e limitava-se a olhar, na penumbra, os rostos das moças. Ao mesmo tempo, pensava, um tanto inquieto, no que seus colegas diriam se soubessem daquelas reuniões noturnas.

Ah, aqueles rostos de meninas! A quase todas ele já conhecia de vista, mas nunca as vira assim juntas, a meia-luz, completamente diferentes do que eram durante as lides diárias e pousando nele olhares repletos de enigmas. Ainda hoje se lembra do nome de todas, dos traços do rosto fresco e corado, e da história de muitas delas. Que histórias! Quantos golpes do destino, quantos passos impetuosos e, também, quanta inocência encantadora nessa humilde vida de criada!

Ali estava a Anna, que trabalhava na Grünen Baum. Muito novinha ainda, roubara no primeiro emprego e estivera presa um mês num reformatório. Mas, agora, era tida na conta de moça dedicada e honesta e seus amos consideravam-na um verdadeiro tesouro. Era uma das prediletas de Babett. Tinha grandes olhos castanhos, a boca firme e enérgica, e ficava silenciosa em seu lugar, olhando para Karl com uma curiosidade fria. Seu amor que, na época do caso de polícia, a abandonara, tinha casado com outra e já enviudara. Agora corria atrás de Anna como um desvairado, queria a todo o custo que ela lhe pertencesse, mas a moça resistia, comportava-se como se não quisesse saber mais dele, embora — no íntimo — gostasse tanto do homem viúvo como gostara do solteiro.

Margret, a que trabalhava na oficina do encadernador, estava sempre alegre, cantava e brincava muito, e tinha reflexos de sol nos cabelos ruivos e crespos. Vestia com cores alegres, arranjava um enfeite bonito para acrescentar um toque de graça feminina a suas roupas vistosas, mas modestas, pois nunca lhe sobrava dinheiro para maiores gastos; tudo o que ganhava era enviado ao padrasto, que o gastava em bebida e não tinha sequer uma palavra de agradecimento. Mais tarde, Margret enfrentara uma vida difícil, com um casamento infeliz, terminando por abandonar o marido, mas o infortúnio não lhe quebrou o ânimo de luta e continuava a ser a mesma moça graciosa e bonita, sempre limpa e arrumada. Sorria menos vezes, mas, quando o fazia, seu rosto ficava mais atraente do que nunca.

E assim era a vida de quase todas. Poucas alegrias duradouras, pouco dinheiro e outras coisas agradáveis, em troca de muito trabalho, muitas canseiras e aborrecimentos, mas todas elas, com raras exceções, tinham sabido se defender e permanecer à superfície, corajosas e indestrutíveis lutadoras. E como riam nessas poucas horas de folga, como se alegravam com ninharias, uma piada, uma canção, um punhado de

guloseimas, uma fitinha vermelha para os cabelos! Como tremiam emocionadas se lhes contavam uma triste história de amores torturados, ou se alguém cantava uma balada nostálgica de amores infelizes! Todas elas eram suspiros e ais e grandes lágrimas nos olhos bondosos.

Algumas delas eram menos simpáticas e comunicativas. Estavam sempre dispostas a criticar e a fazer mexericos, mas, quando passavam da conta, Babett as repreendia com severidade. Tinham também carregado seu fardo de amarguras e desilusões mas não se conformavam tão facilmente. A Gret, que trabalhava na residência do Bispo, era amais desconsoladamente infeliz. Sofria muito com as injustiças da vida e ainda mais com a sua virtude. Até a associação das moças não lhe parecia suficientemente austera e pura e, se ouvia alguma palavra mais forte, corava, mordida os lábios e dizia: “Ah, o justo tem de sofrer muito neste mundo de pecados!” O sofrimento de Gret mantinha-se inalterado de ano para ano e, embora não dispensasse a companhia de Babett e seu alegre bando, tampouco a convivência a contagiava para encarar a vida com melhores olhos. Bastava que se pusesse a contar as moedas guardadas, a duras penas, em seu mealheiro, para ficar sentimental e chorar como uma Madalena. Duas vezes tivera oportunidade de casar com mestres artesãos que a cortejavam assiduamente, mas em ambas rechaçou os pretendentes: um deles era leviano e mulherego, o outro tão virtuoso e tão austero que, ao lado dele, Gret, apesar de todos os castos suspiros e do horror ao pecado, quase se sentia uma cortesã indigna, tão santo era o homem.

Ali estavam todas sentadas no pátio escuro, contando umas às outras seus acontecimentos do dia e esperando que a noite lhes trouxesse alguns momentos de sã alegria e divertimento. As palavras e gestos delas não pareceram a Karl, no princípio, inteligentes e espontâneos, mas, assim que o acanhamento desapareceu, sentiram-se mais desembaraçadas e audazes, e o estudante observava o curioso grupo como um quadro insólito, mas rico de substância humana.

— Este aqui — disse Babett — é o senhor estudante de Humanidades que está hospedado lá em casa.

Ela queria logo passar a contar a história da fome de Karl, mas este puxou-lhe a manga, consternado, e Babett emudeceu.

— Então o senhor deve estudar terrivelmente, não é? — perguntou a ruiva Margret. — Em que é que pretende se diplomar?

— Bom, isso ainda não está decidido. Talvez eu siga a carreira de médico.

A resposta provocou um silêncio respeitoso e todas o observaram, muito atentas.

— Para isso vai ter de deixar crescer primeiro o bigode — comentou Lene, a que trabalhava na casa do farmacêutico.

E todas elas riram, umas discretamente, outras gargalhando, e foi um tiroteio de piadas e gozações, das quais Karl a custo poderia se defender sem a pronta ajuda de Babett para metê-las na ordem. Finalmente, pediram-lhe que contasse uma história. Com tanta coisa que ele tinha lido, não se lembrou senão do conto daquele jovem que saiu de casa para aprender a sentir arrepios. Mal começou, porém, houve nova explosão de risos e piadas.

— Essa já conhecemos há muito tempo! — exclamaram quase em uníssono. E Gret, a que trabalhava na casa do Bispo, acrescentou com desprezo: — Isso é história para crianças.

Karl calou-se, muito encabulado, e Babett falou em seu lugar:

— Da próxima vez ele conta outra. Se vocês vissem como ele tem livros em casa!

Com isso estava ele de acordo e prometeu satisfazê-las completamente no próximo serão.

Enquanto isso, o céu escurecera completamente e, no negrume que cobria o pátio como um dossel, brilhava uma solitária estrela.

— E agora está na hora de se recolherem às suas casas — advertiu Babett.

Elas levantaram-se, sacudiram-se, arrumando as tranças e os aventais, acenaram umas às outras e foram saindo pela porta do fundo do pátio, ou atravessando o corredor e passando pela porta da frente.

Karl Bauer também disse boa-noite e subiu para seu quarto, satisfeito, mas, ao mesmo tempo, dominado por uma estranha sensação de insegurança. Pois, apesar de toda sua prosápia de estudante de Humanidades, não deixara de notar que, naquele grupo, se levava uma vida muito diferente da sua, que quase todas as moças estavam amarradas à vida cotidiana por fortes correntes de amor e desamor, de luta pela sobrevivência num mundo que as tolerava mas não as acolhia como semelhantes; e por detrás dos risos e superficialidades, pressentia em todas uma experiência de vida, um conhecimento de coisas de que ele mal suspeitava e lhe pareciam tão fantásticas como um conto de fadas. E concluiu que valeria a pena investigar, o mais profundamente possível, aquelas criaturas ingênuas, mas às quais a vida cedo impusera um contato com seu lado mais áspero, que Karl apenas vislumbrava em certas poesias primitivas, nos *moritat* e nas canções de soldados. Apesar de tudo, pressentia também que, em muitas coisas, aquele mundo era terrivelmente superior ao seu e temia acabar cedendo à tirania dos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

